

Os Principais Autores das Sete Escolas de Psicanálise e sua Contribuição à Técnica. Méritos e Críticas

A essência da sabedoria da psicanálise não está neste ou naquele autor; está entre eles.

O maior mal da humanidade está no problema do mal-entendido da comunicação entre as pessoas.

Dando continuidade ao assunto tratado no capítulo anterior, de modo sumarizado, cabe traçar um quadro sinóptico das contribuições à técnica psicanalítica, por parte de autores de distintas épocas, geografias e escolas, discriminando-os individualmente, com as particularidades que tornam a prática clínica bem distinta uma da outra, embora, de alguma forma, todas as contribuições estejam, de algum modo, entrelaçadas, conservando a essência da ciência psicanalítica. A obra técnica de cada autor será descrita, de forma resumida, tanto nas contribuições que são julgadas consensualmente como meritórias quanto, de igual modo, em separado, nos aspectos que constituem o alvo de críticas.

Antes, porém, é necessário enfatizar que, não obstante a técnica psicanalítica venha, desde a criação da psicanálise até hoje, sofrendo ininterruptas e profundas transformações, a ponto de parecer irreconhecível se se fizer comparações entre distintas épocas com a atual, a posição que assumo neste capítulo é que não se deve abandonar ou negligenciar as técnicas mais clássicas, inclusive as pioneiras. Até porque muitas inovações técnicas que são propostas às vezes não passam de modismos – portanto, passageiros – ou de uma renovação ilusória. Assim, pelo contrário, no lugar de renegar técnicas anteriores, uma visão contextual integradora do passado com o presente representa ser muito enriquecedora. Igualmente, um outro ponto a considerar é o fato de que, qualquer que seja o modelo técnico empregado pelo analista, ele sempre estará submetido à sua per-

sonalidade real, ou seja, às suas qualidades, defeitos, idiossincrasias, valores, desejos, assim como ao seu tipo básico de personalidade.

FREUD

Como quase tudo em psicanálise começa com Freud, serão rastreados os seus passos mais de perto.

Méritos

1. Nos primórdios da psicanálise, no seu período pré-científico, Freud tentou o método da *hipnose induzida*, principalmente para possibilitar uma *catarse* (método ab-reativo) dos traumas reprimidos.

2. Desiludido com o método (até porque Freud não era um bom hipnotizador), substituiu-o pela *livre associação de idéias*, também conhecida como *regra fundamental*. Nos primeiros tempos, não era tão livre como o nome sugere porque, deslumbrado com a idéia de fazer um levantamento *arqueológico* da mente, camada por camada dos recalcamientos, ele forçava suas pacientes histéricas, mediante uma pressão na fronte, a que elas “espontaneamente” falassem tudo o que lhes viesse à cabeça, quer elas achassem importante quer não. Posteriormente, em 1896, entendeu o apelo de uma paciente, Emmy Von N., para que ele “a deixasse em paz”, pois assim ela cumpriria melhor o papel que lhe cabia na análise.

3. Sempre visando a acessar as camadas do inconsciente que retinham repressões, agora não só traumas que realmente teriam acontecido, mas também fantasias e desejos, Freud formulou uma série de recursos técnicos, que continuam vigentes, e, além da livre associação de idéias, também o da interpretação dos sonhos, o significado de sintomas, atos falhos, lapsos de linguagem e outras incidências da psicopatologia da vida cotidiana.

4. Gradativamente, foi propondo, formulando e recomendando – especialmente no período de 1912 a 1915 – aos “médicos que exercem a psicanálise” uma necessária obediência às suas cinco regras técnicas: a aludida regra da *livre associação de idéias*, a da *abstinência*, a da *atenção flutuante*, a da *neutralidade* e a do *amor à verdade*.

5. Coube a Freud a primazia de conceituar algumas das mais importantes concepções técnicas que constituem o coração e a alma da psicanálise, que plenamente perduram na atualidade, não obstante com significativas e, às vezes, profundas transformações. Entre outras dessas contribuições, é imprescindível mencionar a *construção de um setting* especial, com um número mínimo de sessões semanais (nos primeiros tempos, eram seis), com uma série de combinações de ordem prática, com uma ênfase em trabalhar com um conjunto de fenômenos que necessariamente estariam sempre presentes na análise.

6. Dentre tais fenômenos, foi Freud quem primeiro estudou e descreveu as diversas fontes e formas de *resistência* do paciente à análise (hoje também se valoriza o surgimento, no analista, da *contra-resistência*). Igualmente, ele concebeu a presença permanente no ato analítico de uma *neurose de transferência* (no início, Freud considerou o surgimento da transferência como uma forma de resistência: “o paciente transfere para não ter que se lembrar...”). Também foi ele quem pela primeira vez descreveu, e nominou, o fenômeno da *contratransferência*, embora tenha mantido até o fim de sua obra uma certa reserva com relação ao surgimento da mesma na análise, pois sempre persistiu em Freud uma dúvida se um sentimento de contratransferência não seria nada mais do que uma constatação de que a análise do analista em questão fora malsucedida ou incompleta. Também foi quem descreveu pri-

meiramente o importante fenômeno dos *actings*, como sendo uma forma de o paciente “agir”, em vez de recordar o que estava recalcado no inconsciente e no pré-consciente. Igualmente, coube-lhe dar destaque fundamental à atividade da *interpretação*, junto com a aquisição de *insights* e o trabalho de *elaboração*.

7. Além disso, dentro de uma visão estruturalista, Freud preparou os analistas a observarem a contínua interação entre o *id*, o *ego* e o *superego* (a este último ele também chamava de “ego ideal” e “ideal do ego”, os quais, na atualidade, adquiriram significados próprios e específicos) com a realidade exterior.

8. Descreveu a importância, na prática clínica, dos fenômenos da *fixação*, da *regressão* e da *representação*. Partindo desses conceitos, foram suas as pioneiras considerações sobre as neuroses em geral e as perversões, enfatizando as manifestações do masoquismo, do exibicionismo e do voyeurismo.

9. Descreveu um importantíssimo fenômeno, de grande relevância na técnica, a que emprestou o nome de *reação terapêutica negativa*, a qual essencialmente atribuía à culpa do paciente, para quem um êxito analítico representava um *trunfo edípico* e, por isso, não se sentia merecedor de usufruir do seu sucesso.

10. Ademais, foi Freud quem lançou as primeiras sementes dos problemas técnicos ligados aos *transtornos narcisistas* – hoje amplamente valorizados na psicanálise – referentes à persistência da fixação, no paciente adulto, daquela fase do psiquismo primitivo que ele chamou de “sua majestade, o bebê”.

11. No que se refere aos aspectos psicanalíticos da *linguagem* – hoje, por justiça, tão valorizados na técnica psicanalítica –, cabe lembrar o pioneirismo de Freud em quatro aspectos, no mínimo.

Um deles, refere-se aos *significados opostos* que estão contidos em uma mesma palavra. Vamos nos restringir a um único exemplo, dado pelo próprio Freud: o termo latino *sacer* (“sagrado”, em português), que no original alemão de Freud aparece como *gantz andere*, significa uma força que por um lado desperta um sentimento de *pavor*, mas, por outro, alude a um poder de *atração* quase irresistível. De *sacer* deriva a palavra “sacramento”, isto é, uma maneira de tornar sagrado, de fortalecer os vínculos entre os homens

e Deus. Inúmeros outros exemplos de palavras com significados simultaneamente opostos poderiam ser mencionados, mas o que importa é o fato de que quando o analista está atento à semântica relativa à narrativa do paciente (isto é, aos *significados* que podem ser atribuídos a um mesmo vocábulo) enriquece bastante a sua *escuta analítica*.

Um segundo aspecto é que, além da clássica importância na técnica analítica que Freud atribuiu aos lapsos, atos falhos e certos bloqueios do pensamento, ele também nos demonstrou como uma *afirmativa* ou *negativa*, por parte do paciente, pronunciada de uma forma impulsiva e exageradamente categórica, costuma ser um seguro indicador de que o significado deve ser exatamente o oposto daquilo que foi dito. Por exemplo, se o paciente afirma de forma peremptória, sem ser perguntado, que nunca sentiu inveja do fulano..., é bastante provável que essa afirmativa esteja encobrindo uma forte inveja, a qual está negada.

Em terceiro lugar, cabe mencionar os *significados* de como determinadas experiências emocionais ficaram *representadas* no ego primitivo da criança – um conceito original de Freud. Essas idéias foram brilhantemente resgatadas e ampliadas por Lacan, a ponto de este aspecto constituir-se como uma viga-mestra de sua obra.

O quarto aspecto referente à linguagem concerne à *gramática do psiquismo*, nome que proponho para lembrar o notável esquema que Freud apresentou no seu clássico “Caso Schreber” (1911). Assim, partindo de um pensamento (desejo) – *eu o amo* –, repudiado pelo consciente devido à sua conotação com desejo homossexual, Freud mostrou que simplesmente mudando o sujeito, o verbo ou o complemento daquela oração, para fins de, inconscientemente, defender-se pela negação e a evasiva, Schreber desenvolveu pensamentos como: *não, eu não o amo, eu o odeio; odeio porque ele me odeia; eu a amo, e não a ele; tenho certeza de que ela me ama; não sou eu, é ela que o ama; ele a ama e, por isso, me odeia...* Como é fácil perceber, o pensamento original pode ficar irreconhecível, por meio de negação e de projeções, de forma a ficar transfigurado em uma configuração paranóide, erotomania, delírio de ciúme, etc.

12. Outro mérito da obra de Freud – com importantes repercussões na técnica – é o ver-

dadeiro tesouro que representa a descoberta do seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895), trabalho que só veio a ser descoberto (Freud o escondera receoso de que seria malrecebido) em 1950. A indiscutível importância atual reside no fato de que suas especulações, na época passada, estão encontrando respaldo científico nas modernas investigações que consubstanciam as neurociências contemporâneas, de maneira que ampliam a compreensão do analista, possibilitando uma melhor empatia com muitas das manifestações emocionais do paciente.

Críticas

Freud preconizava análises de curta duração, de alguns meses (a análise do “Homem dos Lobos” constituiu uma significativa exceção: durou quatro anos), com seis sessões semanais, sendo que, sob uma perspectiva atual, as análises que ele praticava pecaram por um excessivo afã investigatório, com vistas a provar as pressupostas teses, com uma ênfase quase que exclusiva nos conflitos ligados ao drama edípico.

Ademais, sempre persistiu em seu trabalho prático uma nítida valorização da importância da figura paterna. Os estudiosos de seus históricos clínicos consideram os seus textos de uma beleza literária e científica ímpar, porém prevalece a opinião de que ele não teria sido um bom clínico.

A análise terminava quando, além do esbatimento dos sintomas manifestos, o analista conseguia fazer uma reconstrução genética, a mais próxima possível da completude, algo no estilo arqueológico, da história evolutiva, dinâmica, da paciente.

Em relação a algumas posições técnicas que radicalizou até o fim, praticamente ninguém mais concorda, hoje, como é o caso da sua insistência na generalização da existência de uma “inveja do pênis” por parte de qualquer mulher. Aliás, inserido nos padrões culturais da época, Freud desqualificou bastante a mulher (levando a um exagero caricatural, pode-se dizer que, para ele, “a mulher era um homem que não deu certo”). O problema é que, praticamente até o fim de sua vida e obra, não arredou pé dessa posição (é de sua autoria a

frase: “a mulher é um continente desconhecido...”).

Dos seguidores diretos de Freud, vou me restringir a citar unicamente quatro autores, entre tantos, que fizeram inovações técnicas: *Abraham* (considero um primor seu trabalho de 1919, sobre *resistência narcisista*, ainda perfeitamente atual), *Ferenczi* (o primeiro analista a insistir para que seus pares adotassem uma *elasticidade* na técnica analítica, não obstante ele também tenha sofrido severas críticas pelo uso de sua “técnica ativa”), *W. Reich* (introdutor da *análise do caráter*, e não só para a remoção de sintomas como era até então) e *Anna Freud* (a sua contribuição técnica, ainda que discutível, sobre a análise com crianças, a sua descrição pormenorizada e sistematizada dos mecanismos defensivos do ego e a sua importante participação na estruturação da norte-americana Escola da Psicologia do Ego).

KLEINIANOS

Dentre os indiscutíveis *méritos* da obra de Melanie Klein, merecem ser mencionados os seguintes:

Méritos

1. Abriu as portas para a *análise de crianças*, por meio da técnica lúdica, com a utilização de brinquedos e jogos, sem jamais abandonar o rigor analítico empregado na análise clássica com adultos.

2. Igualmente, também foi M. Klein quem deu início à *análise de psicóticos*, conservando a mesma técnica que a aplicada para pacientes neuróticos comuns, à medida que ela foi concebendo e divulgando os primitivos mecanismos psíquicos que acompanham o bebê desde o nascimento.

3. Dentre tais mecanismos primevos, cabe destacar a descrição de uma angústia de aniquilamento, além das primárias fantasias inconscientes no bebê recém-nascido, diante da inata pulsão de morte, com o concomitante emprego, por parte do ego incipiente, de defesas bastante mais primitivas do que aquelas que Freud e sua filha Anna descreveram.

4. Assim, a sua concepção do fenômeno da *identificação projetiva* (hoje aceito por analistas de todas as correntes) é considerada importantíssima para a técnica analítica. Da mesma forma, é fundamental para a técnica o seu conceito de *posição esquizo-paranoide* e de *posição depressiva*.

5. Contrariamente a Freud, sabidamente falocêntrico, Klein deu uma ênfase *seiocêntrica*, *valorizando*, *assim*, a *primitiva relação mãe-bebê*, com a respectiva introjeção de objetos, totais e parciais, bons e maus, idealizados e persecutórios.

6. Também diferentemente de Freud, Klein valorizou, sobretudo, as pulsões agressivas, decorrentes de uma inata inveja primária, e as respectivas fantasias inconscientes de ataques sádico-destrutivos, sobretudo contra a figura materna (ou no analista, na situação analítica). A técnica analítica do grupo kleiniano concentrava-se na interpretação desses ataques invejosos, os respectivos sentimentos culposos daí decorrentes, além da necessidade de o paciente fazer reparações verdadeiras e construtivas.

7. Em relação à situação analítica, o grupo kleiniano notabilizou-se pela posição firme na manutenção rigorosa do *setting* apregoadado e na recomendação de que os analistas deveriam trabalhar e interpretar sistematicamente a neurose de transferência.

São inúmeros os autores kleinianos, pós-kleinianos e neokleinianos que trouxeram inestimáveis contribuições técnicas. Unicamente a título de exemplificação, a kleiniana *J. Rivière* descreveu a *reação terapêutica negativa* que ocorre nas situações em que o paciente aproxima-se do seu “cemitério interno” relativo à depressão subjacente. Dentre os pós-kleinianos, é justo citar *Rosenfeld*, *H. Segall*, *Meltzer* e *Bion*, que foram os pioneiros no atendimento psicanalítico de psicóticos. Rosenfeld desenvolveu estudos posteriores sobre a organização patológica que ele denominou *gangue narcisista*, *narcisismo de pele fina* e *de pele grossa*, além da inestimável importância para a técnica analítica que advém do seu trabalho, de 1978, sobre *psicose de transferência*, situação que ocorre com relativa frequência na prática clínica. Para ficar em um

único exemplo de autor neokleiniano, cabe mencionar *J. Steiner*, com sua importante descrição de *organização patológica*.

Críticas

As maiores críticas, advindas principalmente dos psicólogos do ego, feitas à técnica analítica preconizada por M. Klein e seguidores diretos referiam-se aos seguintes aspectos: 1) O paciente adulto estaria sendo encarado e tratado como um bebê sempre insatisfeito, ávido, com desejos destruidores e com um certo menosprezo aos sentimentos amorosos. 2) O uso de um estilo interpretativo algo apriorístico, doutrinário e categórico, com verdades acabadas; desse modo, as interpretações só fechariam, no lugar de abrir. 3) Essa conduta analítica, paradoxalmente, conduziria a uma maior infantilização do paciente adulto. 4) Durante um bom tempo, os kleinianos não teriam valorizado os aspectos ligados diretamente ao narcisismo e à importância que representa a condição de “incompletude” do ser humano. 5) O uso de interpretações com características superegógicas (como se o paciente fosse um permanente “réu”), algo acusatórias, de certo cunho moralista, com o uso de uma terminologia na base de “bom” e “mau”..., e mescladas com expectativas do analista a serem cumpridas pelo paciente, impedindo, assim, a abertura de novos vértices de percepção e pensamento do paciente e dele próprio. 6) Uma ênfase exagerada na interpretação da inveja, além do fato de que a crença na noção de uma inveja primária inata já condiciona negativamente a “atitude psicanalítica” do terapeuta. 7) Igualmente, haveria um excessivo radicalismo no *setting* instituído, a ponto de não tolerar a introdução de qualquer parâmetro, por mínimo e necessário que ele fosse. 8) Uma não-valorização das funções e representações do ego, comparativamente ao id. 9) O uso abusivo de interpretações sistematicamente voltadas para um reducionismo, freqüentemente artificial, centrado no “aqui-agora-comigo-como lá e então”. 10) Interpretações centradas em órgãos (seio, pênis...) e funções primitivas podem induzir a uma “doutrinação inte-

lectual” do paciente. 11) Um acentuado des-caso pelos fatos da realidade exterior contidos nas narrativas dos pacientes.

Os psicanalistas pós e neokeinianos têm feito sensíveis modificações na técnica que os seguidores tradicionais de M. Klein utilizavam, no sentido de uma relativa, porém bastante significativa, maior elasticidade na aplicação dos princípios técnicos rígidos, sem perder a sua essência.

PSICÓLOGOS DO EGO

Muitos psicanalistas austríacos, ao fugirem da perseguição nazista no período que antecedeu a eclosão da Segunda Guerra Mundial, instalaram-se nos Estados Unidos. Um deles, Hartmann, juntamente com Kris e Lowenstein, fundou a escola da Psicologia do Ego, a qual encontrou uma ampla aceitação no solo norte-americano, em uma mesma época em que naquele país havia uma forte inclinação pela corrente *culturalista* (Erich Fromm, Karen Horney e outros).

Anna Freud foi uma grande inspiradora, incentivadora e colaboradora desta corrente psicanalítica. Posteriormente, surgiram inúmeros autores importantes, como Erikson (estudos sobre a influência da cultura e a formação do sentimento de identidade), Edith Jacobson (descreveu os primitivos processos na formação do *self*), Margareth Mahler (juntamente com colaboradores, pesquisou, por meio de observação direta, os processos de *separação e individuação* de crianças pequenas, o que determinou significativas modificações técnicas) e, ultimamente, Otto Kernberg (representante da “contemporânea psicologia do ego”, que estabelece uma ponte com os teóricos das relações objetais).

Méritos

1. Os pioneiros, Hartmann e seus seguidores, propuseram uma maior valorização do ego no trabalho do analista, que até então estava concentrado no id.

2. Partindo, então, do princípio de que nem tudo era id, os psicólogos do ego atribuí-

ram uma significativa importância às funções conscientes e às representações inconscientes do ego, além, é claro, dos mecanismos defensivos que são procedentes do ego.

3. Coube a Hartmann o mérito de ser o autor que mais claramente estabeleceu uma distinção entre *ego*, como uma instância psíquica, com as respectivas funções, e *ego*, como uma totalidade.

4. Descreveram aquilo denominado “área do ego, livre de conflitos” e também estabeleceram o conceito de “autonomia primária e autonomia secundária”, além dos processos de “adaptação”.

5. Na esteira dessas concepções, a psicanálise norte-americana contribuiu para a ampliação e valorização das funções conscientes do ego, assim como também atribuíram uma maior relevância à influência dos fatores *heredo-constitucionais* e *ambientais* na estruturação do psiquismo.

6. Os psicólogos do ego dedicam-se bastante a fundamentar as suas concepções teóricas e técnicas em pesquisas rigorosamente científicas.

7. Da mesma forma, eles abriram as portas para uma transdisciplinaridade, considerando os importantes desenvolvimentos contemporâneos da neurobiologia, da etologia e da psicofarmacologia.

Críticas

As críticas mais candentes a essa escola partiram de Lacan, o qual, sentindo-se revoltado com o que ele considerou uma traição à verdadeira psicanálise de Freud, decidiu fazer um retorno a Freud e criou a sua própria escola psicanalítica.

Muitos outros autores criticavam, e ainda criticam na atualidade, embora de forma menos intensa, o que consideravam uma forma de converter a psicanálise em uma mera “adaptação ao *american way of life*”. Particularmente, estou entre aqueles que consideram esta última crítica exagerada, visto que o conceito de “adaptação” dos americanos não se refere unicamente ao mundo exterior, mas também a uma necessidade de haver uma adaptação harmônica entre as diferentes instâncias e

funções da estrutura do psiquismo interior com a realidade externa.

Outra crítica refere-se ao fato de que os mais notáveis analistas dos Estados Unidos não deram de si mesmos o suficiente para manter a titularidade nas cadeiras ligadas às áreas da psicologia e psiquiatria das universidades, de modo que cederam esses lugares aos psiquiatras de orientação organicista. Como resultado, diminuiu sensivelmente a busca de candidatos a uma formação psicanalítica nas instituições ligadas à IPA, além de um crescente descrédito à psicanálise tradicional. Na verdade, costuma-se dizer que a nação norte-americana está vivendo a *era do Prozac*, tal é a busca por antidepressivos como substitutos de um tratamento psicanalítico.

PSICOLOGIA DO SELF

O criador e grande nome desta escola é *H. Kohut*, também um psicanalista que deixou Viena no apogeu do nazismo e refugiou-se nos Estados Unidos.

Méritos

1. Kohut recusou-se a ficar restringido quase que unicamente ao conflito edípico na análise com qualquer tipo de paciente, como, de certa forma, era a regra até então. Assim, decidiu investir nos estudos sobre o narcisismo.

2. Foi um inegável mérito de Kohut o fato de, paralelamente aos estudos sobre a patologia do narcisismo, ele haver resgatado os aspectos sadios e estruturantes que o narcisismo também representa. Assim, descreveu o narcisismo não somente como uma inerente etapa evolutiva desde o recém-nascido, como também enfatizou que o narcisismo acompanha todo ser humano pelo resto da vida, sofrendo transformações, tanto as saudáveis (empatia, sabedoria, humor, criatividade...) quanto, também, as patológicas, sob a forma de diferentes tipos de transtornos narcisistas da personalidade.

3. A partir dessa sua aproximação com os primeiros anos de vida do ser humano, Kohut descreveu a importância do que ele denomi-

nou *self-object* (objetos originais, formadores do *self* da criança pequena, chamando atenção, na técnica, a necessidade de que o analista desempenhe o importante papel de funcionar como um novo *self-objeto*.

4. A partir daí, enfatizou a relevância das *falhas empáticas* da mãe como responsáveis por futuros transtornos narcisistas e neuróticos em geral.

5. Dentro desse contexto, Kohut propôs a concepção do que ele chamou de *self grandioso* (a onipotência mágica do bebê e da criança pequena) e *imagem parental idealizado* (os pais ficam revestidos com essa idealização onipotente), ambos de natureza bastante positiva na estruturação do *self*. Assim, Kohut contribuiu para que, diante de um paciente adulto, o analista veja com bons olhos uma certa permanência desses aspectos, assim reduzindo a carga de sentimentos de culpa, vergonha e fracasso.

6. No lugar de considerar “*o homem culpado*”, como é clássico nas análises centradas no conflito edípico, de Freud, e nos ataques invejosos, de Klein, Kohut propôs a terminologia “*o homem trágico*”, que alude a falhas muito anteriores a Édipo.

7. Kohut concebeu um tipo especial de transferência que denominou *transferência narcisista*, nas suas três graduações: transferência narcisista fusional, gemelar e especular. É justo considerar essa contribuição como um vértice de excepcional importância no emprego da técnica psicanalítica.

8. Complementando a importância que representa a função do analista como um novo *self-objeto* a ser introjetado, Kohut chama a mudança que então se opera no paciente de *internalização transmutadora*.

9. Indiscutivelmente, o maior mérito creditado a Kohut é o fato de que os seus enfoques nas falhas do psiquismo primitivo permitiram uma nova forma de abordagem, um significativo progresso no tratamento de pacientes excessivamente regredidos, principalmente os portadores de transtornos narcisistas da personalidade.

Críticas

A crítica mais candente que fazem a Kohut é o fato de ele desconsiderar Freud a ponto de

considerar que Édipo nada mais é do que uma etapa paralela, que se configura de acordo com a evolução do eixo principal do narcisismo.

Com essa posição, Kohut pagou dois preços: o de ter desconsiderado um lugar sabidamente relevante que, sem dúvida, é o conflito edípico, nas suas múltiplas variantes e derivados psicopatológicos, facilmente revividos e evidenciados na prática analítica. O outro aspecto provocou o desprezo de um número significativo de analistas que, assim, não considerou a sua obra como sendo uma psicanálise verdadeira.

Também não resta dúvidas de que Kohut cometeu o mesmo deslize de tantos outros autores importantes: tentou aplicar suas concepções, tão significativamente válidas para certos pacientes, de forma exclusiva para todo e qualquer tipo de neurose.

LACAN

Indiscutivelmente, o grande inspirador da respeitada Escola Francesa de Psicanálise, Jaques Lacan foi sempre uma figura muito controvertida que, entre tantas outras contribuições, notabilizou-se pelas seguintes, reconhecidas como *meritórias*:

Méritos

1. A releitura que fez da obra completa de Freud permitiu rever os históricos clínicos de Freud sob outras perspectivas, muito mais amplas e instigantes.

2. Seus estudos sobre os *estágios do espelho* possibilitaram entender melhor a formação de precoces mecanismos psicóticos; a alienação do bebê no corpo da mãe, a noção de “corpo espedaçado” (*corps morcelle*); a representação do corpo no ego da criança pequena, concepção essa que permitiu uma melhor compreensão, portanto manejo técnico, de transtornos psicossomáticos.

3. Atribui uma importância especialíssima aos *desejos* e aos *discursos* dos pais e educadores em geral na formação do psiquismo da criança, que será o futuro de nosso paciente adulto. A relevância do *desejo* pode estar condensada nesta sua sentença: *a criança* (o sujei-

to) *quer ser o desejo do desejo da mãe*, logo, ser o “falo” (poder) dela.

4. A importância do *discurso* – que é feito por meio de mensagens verbais ou não-verbais, com significantes, predições, expectativas, atribuição de lugares e papéis, mandamentos e imperativos categóricos – adquire tal magnitude na obra de Lacan, que cunhou esta frase, de excepcional importância para a prática clínica: “O inconsciente é o discurso do outro”. Talvez Lacan tenha-se inspirado no filósofo Hegel quando este afirma que “não é o indivíduo que cria a linguagem, mas a linguagem, no contexto histórico, é que cria o indivíduo”.

5. *Os significantes* (resultam mais da audição do discurso), com os conseqüentes *significados* (referem-se mais aos conceitos dados aos significantes), constituem a coluna vertebral da técnica da psicanálise, porquanto se pode dizer, de forma extremamente reduzida, que em Lacan uma análise consiste em decodificar e nomear a *rede de significantes*. Assim, creio que cabe afirmar que, nessa perspectiva, a maior tarefa do analista é a de identificar a voz do significado patogênico, no meio da polifonia dos significantes.

6. Também pode-se creditar a Lacan o resgate da importância da figura do *pai* (que ficou muito apagada durante a hegemonia da teoria seiocêntrica de M. Klein). Assim, Lacan denominou *lei do pai* (ou *nome do pai*) a necessidade de um pai interpor-se como uma cunha delimitadora e separadora da fusão simbiótica mãe:bebê. Não é difícil dar-mo-nos conta da importância do papel do analista, não só no papel transferencial de mãe continente, como também na de pai, que frustra e impõe limites.

7. Em relação à *transferência* propriamente dita, Lacan tem uma posição muito autêntica, especial e diferente daquela que se constituía como um pilar invariável na psicanálise: a interpretação sistemática na neurose de transferência. Pelo contrário, ele se insurge contra o excessivo uso da interpretação transferencial, com o argumento de que essa técnica representa um sério risco de reforçar uma maior idealização e dependência do paciente, justamente o que uma análise quer impedir. Para Lacan, a transferência deve ser interpretada quando houver a evidência de algum obstáculo realmente transferencial, manifesto por an-

gústia, sintoma ou atuação. Igualmente afirma que pode haver sessões que são psicanalíticas, sem que haja interpretações transferenciais (e vice-versa), assim como também considera que o *ato analítico* acontece, de fato, quando o analista ocupa um *lugar* – o de uma escuta privilegiada – e uma *posição* – o de fazer intervenções sem aceitar a condição de “sujeito suposto saber”.

8. Em relação ao fenômeno *contratransferencial*, a partir do seu livro *Escritos: uma seleção* (1966), Lacan dispensou o termo “contratransferência” com o argumento de que esse dava a entender uma reciprocidade entre o paciente, preso na transferência, e o analista pela contratransferência, porém tal relação está longe de ser igual. Assim, em sua opinião, o desejo precípua do paciente é que ele seja o objeto de desejos do analista; o analista, por sua vez, também tem desejos: no mínimo, ser um bom analista e que a análise evolua com sucesso. O risco é que ele se deixe envolver pelo desejo e aceite o papel de s.s.s.

9. Relativamente à *interpretação*, Lacan destaca a necessidade de o analista promover uma “*castração simbólica*” do paciente, isto é, fazê-lo transitar do plano do imaginário para o plano do simbólico. Segundo Lacan, a interrupção da fusão diádica com a mãe (reproduzida com o analista) deixa uma marca indelével de uma “*falta de algo*”, algo que se deseja e se teme (lembra a sensação do “estranho” ou do “sinistro” – *unheimlich* – de Freud) e que, a partir daí, fica sendo o gerador do desejo.

10. Lacan concede uma grande valorização à linguagem – a sua afirmativa de que o *inconsciente estrutura-se como uma linguagem* já diz tudo, de modo que ele usava bastante o recurso de desdobrar os significados contidos na composição de uma palavra, nome próprio, pedaço de frase...

11. Uma observação especialmente importante é que na sua técnica analítica Lacan prioriza sobretudo os aspectos *cognitivos*.

12. Para Lacan, o momento culminante de uma sessão analítica é aquele no qual o paciente sofre uma castração do desejo imaginário, de sorte a atingir um nível simbólico. Baseado nisso, ele estipulou que não se justifica a duração de uma sessão ser obrigatoriamente cronológica, em torno dos habituais 50 minutos, mas, sim, a duração deve ser variável, de

menos ou mais deste tempo, até a obtenção da aludida transição para um nível simbólico.

Críticas

A primeira crítica que se faz a Lacan concerne à sua condição de pessoa real, que, segundo um grande número de seus críticos, revela uma personalidade extremamente narcisista, centralizadora, que, na prática clínica com os seus pacientes e no convívio com alunos e colegas, fazia justamente o oposto daquilo que ele tanto pregava, ou seja, ele funcionava como um s.s.s. e tentava submetê-los a uma indiscutível dependência eterna. Por causa desse tipo de conduta, Lacan abriu muitas dissidências, como, por exemplo, com a IPA e com a própria escola que fundou. As críticas mais acerbas dão conta de que ele seria um interesseiro, deslumbrado pelo poder, pelo dinheiro e pela conquista de mulheres, desejos esses que se refletiam significativamente nos pacientes.

Uma segunda crítica contundente alude ao fato de que sua postura psicanalítica ficou muito confundida com filosofia, devido a uma excessiva intelectualização e a uma paixão pela demonstração de ampla erudição.

Talvez a crítica mais feroz seja aquela relativa ao tempo de duração da sessão. Muitos analistas testemunharam que o tempo de duração de uma sessão dos pacientes de Lacan jamais ultrapassava os 50 minutos regulamentares, ou sequer atingia este tempo. Pelo contrário, quanto mais aumentava o número de pacientes (segundo os referidos críticos, ele manteria um número bastante excessivo de pacientes em formação, tanto para garantir um poder político, quanto para faturar mais), mais diminuía o tempo da sessão, às vezes não passando de poucos minutos, sob a alegação de que o paciente já atingira a, essencial, “castração simbólica”.

WINNICOTT

Como se sabe, Dorel Winnicott pertenceu durante bastante tempo ligado ao círculo kleiniano. No entanto, cada vez mais ele discordava dos conceitos teóricos e técnicos pregados por M. Klein, especialmente o conceito de inve-

ja primária, a ponto de ele abrir uma dissidência com o grupo de Klein e ingressar no “grupo independente” da Sociedade Britânica de Psicanálise. A partir daí, Winnicott criou as suas próprias concepções originais que, resumidamente, apresentam os seguintes méritos:

Méritos

1. Resgatou a importância do *ambiente facilitador* (ou *complicador*, creio que cabe acrescentar), representado principalmente pela mãe da realidade exterior, em contraposição à posição preconizada por M. Klein e seguida pelos analistas kleinianos da época de atribuir uma importância quase que exclusiva às fantasias inconscientes da criança.

2. Relativamente à mãe real, de uma certa forma inspirado em Lacan, Winnicott deu uma especial importância ao *olhar materno* (penso que cabe dizer *olhar bom* ou *olhar mau*, parodiando o “seio bom e mau”, de M. Klein). A seguinte frase poética de Winnicott ilustra bem como o olhar da mãe funciona como um espelho, pois o primeiro espelho da pessoa é o rosto da mãe, seu olhar, sorriso, voz, como se a criança pudesse dizer: olho e sou visto, logo, existo!

3. Igualmente, ele retirou a ênfase técnica prioritariamente dirigida às pulsões sádico-destrutivas resultantes da inveja primária, segundo a escola kleiniana. Por exemplo, Winnicott cunhou o conceito de “crueldade sem ódio” para conceituar que as manifestações agressivas de uma criança obedecem a muitas razões que não são unicamente aquelas de um ódio destrutivo. Da mesma forma, enquanto os kleinianos da época, diante de uma atitude construtiva do paciente, interpretavam que as culpas decorrentes dos ataques estavam sendo devidamente reparadas, Winnicott preferia conceituar como uma demonstração de sentimentos inatos da criança de “consideração” (*concern*) pelos outros.

4. Seu conceito de *holding*, bastante similar ao de “continente” de Bion, representa ser uma peça técnica fundamental na construção do vínculo analista-paciente. A frase cunhada por Winnicott: *a mãe suficientemente boa* tem uma significativa relevância na prática analítica.

5. Sua concepção de *objeto, espaço e dos fenômenos transicionais* são totalmente origi-

nais em psicanálise, esclarecendo muita coisa do desenvolvimento emocional primitivo e do que se passa no vínculo analítico.

6. Desde quando era pediatra, Winnicott utilizou com seus pequenos pacientes dois jogos que criou. Um, o jogo da *espátula* – um objeto metálico brilhante que ele deixava à vista da criança para observar como ela brincaria com ele –, o qual lhe permitiu criar o conceito de *hesitação* diante da tomada de decisões. O segundo é o *jogo do rabisco* (*squiggle*, no original), que consiste no ato de que ele construía com a criança um desenho; assim, ele fazia um primeiro rabisco, a criança continuava com outro rabisco e assim sucessivamente, até completarem de modo espontâneo a forma final do desenho. Particularmente, considero esse jogo de extraordinária importância como um modelo de técnica psicanalítica, no sentido de que, em uma situação analítica, o analista e o paciente devem exercer uma atividade lúdica do tipo que podemos chamar de “rabisco verbal”, até construírem um *insight*.

7. Outro conceito de Winnicott de excepcional importância técnica é a sua concepção de *verdadeiro self* e de *falso self*, ambos convivendo concomitantemente no psiquismo de um mesmo sujeito.

8. Ao contrário de M. Klein, Winnicott era bastante flexível com as combinações do *setting*, inclusive no tempo de duração das sessões, que, diferentemente de Lacan, não raramente, conforme as circunstâncias, ultrapassavam bastante os clássicos 50 minutos. Contam que uma vez alguém lhe perguntou se ele também atendia casos de psicoterapia, ao que respondeu dizendo que não sabia o que era aquilo, mas sabia, sim, que era psicanalista e que fazia psicanálise de duas ou de uma sessão semanal.

9. Ao longo de seus textos, Winnicott foi um mestre na formulação de paradoxos. Por exemplo, dizia ele, referindo-se ao *setting*:

Recria-se um ambiente íntimo e familiar, evocando um ambiente íntimo e familiar, evocando uma primitiva maternagem, a um mesmo tempo que se exclui todo o contato e gratificações diretas que não sejam as psíquicas.

Acredito que o recurso técnico de formular paradoxos para os pacientes tem-se mos-

trado de grande valia, porquanto estimula a reflexão e a capacidade para fazer a integração dos opostos e contraditórios.

10. Em uma época na qual poucos autores animaram-se em relatar experiências contratransferenciais, Winnicott teve a coragem de escrever *O ódio na contratransferência* (1944), um trabalho importante para a técnica analítica, simplesmente porque era verdadeiro, trouxe à lume aquilo que com determinados pacientes qualquer analista pode e deve sentir, assim desmitificando, tornando natural e, logo, trazendo alívio e maior tranquilidade ao terapeuta.

Críticas

Muitos críticos argumentam que a empolgação de Winnicott, com a ênfase na mãe real e no ambiente exterior, em contraposição a M. Klein, fez com que ele fosse até um pólo oposto ao dela, de sorte que ele passou a subestimar a importância do papel das fantasias inconscientes.

Segundo os mesmos críticos, a atitude “humanística” de Winnicott prejudicava uma necessária imposição de frustrações necessárias, assim dificultando o surgimento de sentimentos que acompanham a vida de qualquer pessoa, como os raivosos, por exemplo.

W. BION

Bion, que foi discípulo, analisando e seguidor de M. Klein, é considerado um autêntico inovador da prática da psicanálise. Sua obra estende-se por quatro décadas: os anos 40, mostrando que, diferentemente de M. Klein, interessava-se por aspectos sociais, foram dedicados à prática e aos estudos sobre dinâmica de *grupos*; a década de 50 foi voltada para a análise de *Psicóticos*; a de 60, a mais frutífera de todas, é chamada de *Epistemofílica*, pela razão que ele demonstrou um interesse todo especial pelos fenômenos do conhecimento, pensamento, linguagem, comunicação, vínculos, verdades e falsificações, etc., tendo publicado vários livros sobre esses temas, hoje consagrados. Na década de 70, começou a viajar, atendendo a convites, por lugares do mundo

(só no Brasil, esteve quatro vezes), ministrando conferências, debates, supervisões e seminários clínicos, ao mesmo tempo em que publicou textos com um teor algo místico.

Apesar do fato de Bion não ter publicado nenhum livro ou texto direta e especificamente dirigido à técnica psicanalítica, é inegável que, nas entrelinhas de seus pronunciamentos, nos quais ele sempre se referia à prática clínica, a técnica está sempre presente, com concepções originalíssimas.

Méritos

1. Bion teve a sabedoria de conservar tudo o que aprendeu de Freud e de M. Klein, e, sem contestá-los, somente adicionou uma continuidade às concepções daqueles dois (ele é o terceiro) gênios da psicanálise, porém criou novas idéias teóricas, portanto também técnicas, inteiramente originais.

2. A meu juízo, foi o autor que mais equidistante ficou entre M. Klein (pulsões sádicas destrutivas, fantasias inconscientes terroríficas, etc.) e D. Winnicott (valorização da mãe e do ambiente facilitador no desenvolvimento emocional primitivo da criança, etc.), além de também ter valorizado os aspectos heredoconstitucionais que variam de pessoa para pessoa.

3. O seu intenso trabalho clínico com pacientes de natureza psicótica, permitiu-lhe conceber aspectos interessantíssimos sobre a normalidade e a patologia dos fenômenos de percepção, pensamento, linguagem, comunicação e ataques aos vínculos de ligação, todos eles de extraordinária repercussão no manejo técnico com pacientes em geral.

4. A abrangência para “pacientes em geral” deve-se ao fato de que Bion concebeu, em todas as pessoas, a coexistência permanente entre uma *parte neurótica* e uma *parte psicótica da personalidade* (predominância de pulsões tanáticas, uso excessivo de identificações projetivas, a tríade da onipotência, onisciência e prepotência, etc.). A necessidade de o analista trabalhar para o paciente admitir um acesso a essa sua parte psicótica trouxe inestimáveis mudanças técnicas.

5. Em relação ao primário vínculo da mãe com o filho (equivale ao do analista com o seu paciente), Bion aprofundou a importância da

função de *rêverie* materno, a função de *contínente* da mãe (ou analista) ter condições de acolher e conter as necessidades e angústias que, por meio de excessivas identificações projetivas, os filhos (pacientes) colocam dentro dela. Assim, representa um fundamental avanço técnico a noção de que o analista deve, acima de tudo, ter bem desenvolvida essa capacidade de continência, para que, além de conter a carga nele projetada, também possa decodificar o seu significado, dar um sentido e devolver para o paciente, devidamente desintoxicada e, sobretudo, nomeada.

6. Em relação aos *vínculos*, ele descreveu três tipos: o do *amor*; do *ódio* e do *conhecimento*, sendo que ele deu uma ênfase especial a este último, particularmente quando ele está sinalizado negativamente: - *K* (vale lembrar que “*K*” é a inicial de *knowledge*, isto é, *conhecimento*), ou seja, quando o paciente *não quer* tomar conhecimento das verdades analíticas. Creio que está mais do que evidente a enorme importância que isto representa para a técnica analítica, especialmente no que se refere ao destino que as interpretações do analista tomam no psiquismo do paciente, por mais corretas que elas tenham sido.

7. Um mérito especial que cabe a Bion é o fato de ele haver enfatizado que toda análise é um processo de natureza *vincular* entre duas pessoas que vão enfrentar muitas angústias diante dessas verdades, e isso impõe que o analista possua aquilo que ele denomina *condições necessárias mínimas*.

8. Dentre essas últimas, cabe garimpar, em estilo telegráfico, as seguintes: *ser verdadeiro*; um permanente estado interrogativo, de *descobrimento*; a mencionada capacidade de ser continente, aliada a uma “função alfa”; uma *capacidade negativa* (isto é, uma condição de suportar, dentro de si, sentimentos negativos, como é, por exemplo, o de um “não saber”); uma capacidade de *intuição*; um estado de *paciência* e de *empatia*; a necessidade de que, na situação analítica, a mente do analista não esteja saturada por memória, desejo e ânsia de compreensão imediata, além de também ter dado a entender que o analista, como *pessoa real*, é um importante modelo de identificação para o paciente.

9. Bion propôs o modelo da mente como se fosse um mapa-múndi, composto por vá-

rias regiões distintas; daí a técnica analítica desenvolveu a necessidade de o analista abrir para o paciente novos *vértices* de percepção em relação aos significados que ele dá aos fatos que esteja narrando. Assim, igualmente, ele propõe que o analista tenha uma *visão binocular* (ou multifocal), de forma a perceber e tentar integrar os seus aspectos distintos e contraditórios.

10. No lugar da clássica expressão *cura analítica*, Bion prefere o emprego da terminologia *crecimento mental*, tendo em vista que uma análise não termina com uma cura de sintomas (como é na clínica médica), mas, sim, ela evolui em um modelo de “espiral helicoidal expansiva e ascendente, como um universo em expansão”, sem um término definitivo.

11. Na atualidade está sendo bastante valorizado um aspecto inerente à *comunicação não-verbal* – tão desenvolvida por Bion ao longo de toda a sua obra –, que é aquela forma de linguagem que comunica através de *hologramas* (ou *pictogramas*, ou *ideogramas*), cuja característica maior é que ela não se processa tanto à visão, ou audição, mas, sim, por meio de *imagens*, cheias de significados, que evocam sensações e sentimentos no analista.

Críticas

Durante muito tempo (agora, bem menos), Bion foi acusado de ser mais um matemático, filósofo e místico do que psicanalista, e que, neste último aspecto, as suas contribuições seriam de natureza tautológica, ou seja, repetindo com outras palavras tudo aquilo que já teria sido dito por seus predecessores.

Assim, seus textos eram considerados confusos, herméticos, com uma terminologia dirigida a uma pequena elite de psicanalistas intelectualizados. Desta maneira – diziam os críticos – o próprio Bion seria uma pessoa muito confusa nas suas idéias, que estariam mais voltadas para um certo exibicionismo de erudição e intelectualização do que propriamente para as reações afetivas. Pelo menos em relação a este último aspecto, quem está mais familiarizado com a totalidade da obra de Bion há de discordar enfaticamente.

COMENTÁRIOS PESSOAIS

Cabe concluir este capítulo com quatro comentários que, me parecem, abrangem a todos os principais autores que foram mencionados, com suas respectivas contribuições ao desenvolvimento da técnica psicanalítica.

1. Em grande parte, aconteceu com todos eles aquilo que se costuma dizer: todas as idéias importantes e inovadoras nascem como heresias e terminam como dogmas.
2. Assim, também eles cometeram aqueles inconvenientes – e que representam um risco para todos nós – de fazer um excessivo apego ao novo, com um descaso ao velho, ou vice-versa.
3. Quando se quer comparar as análises fundamentadas nesta ou naquela escola, conforme o ponto de vista que adotamos, podemos chegar a conclusões positivas ou negativas, encontrar pontos concordantes ou divergentes, sem que a verdade de uma delas seja exclusiva e tampouco que uma delas implique na inverdade de outras. Cabe traçar uma analogia com a física mecanicista concebida por Isaac Newton e que não é mais utilizada pelos físicos da atualidade. No entanto, isso não significa que ela seja errada ou certa ou que não mais tenha uma plena validade útil para explicar determinados fenômenos, sem ter alcance para explicar a outros, como os da física quântica, por exemplo.
4. É significativo o fato de que ainda é muito difícil tentar mensurar se o emprego de técnicas de uma dessas mencionadas correntes psicanalíticas promove maiores ou melhores resultados verdadeiramente psicanalíticos, em um enfoque comparativo de umas com as outras, na prática clínica.